

## O conceito de mulher na sociedade a partir de Simone de Beauvoir

Pâmela Pongan<sup>1</sup>

**Resumo:** Considerada uma das maiores teóricas modernas sobre o feminismo e integrante ativa do movimento existencialista francês, Simone de Beauvoir, em suas obras, apresenta uma fenomenologia da condição e das experiências das mulheres, reveladas em interlocuções entre o Eu e o Outro, a sexualidade e a corporeidade, diante da desconstrução da identidade do sujeito feminino, criando assim uma filosofia feminista. Sua principal obra é nomeada O Segundo Sexo, composta por dois volumes. O primeiro, Fatos e Mitos, busca, através de análise de fatos históricos e mitos, encontrar a origem da submissão feminina e identificar as bases que criaram e mantêm a sociedade patriarcal. No segundo volume, A Experiência Viva, Beauvoir apresenta a diferença presente na educação de meninos e meninas, onde aborda sua tese: “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”; desse modo, a diferença entre homens e mulheres é uma concepção imposta pela sociedade, e não um fator biológico. Assim, o objetivo deste texto é refletir sobre o papel da mulher na sociedade, bem como a desigualdade de gênero, sob a perspectiva de Simone de Beauvoir, a partir de suas obras. Buscando confirmar a tese da autora, serão apresentados ainda neste texto, outros estudos que mostram a atualidade dos pensamentos de Beauvoir.

**Palavras-chave:** Simone de Beauvoir. Gênero. Feminismo. Patriarcalismo. Alteridade.

### The concept of woman in society from Simone de Beauvoir

**Abstract:** Regarded as one of the major modern theoreticians about feminism and active member of the French existentialist movement, Simone de Beauvoir, on her works, presents a phenomenology of the condition and of the experiences of the women, revealed in interlocutions between Me and the Other, the sexuality and the corporeity, before of the deconstruction of the identity of the female subject, creating, thus, a feminist philosophy. Her main work is The Second Sex, composed by two volumes. The first one, Facts and Myths, seeks, through analysis of historical facts and myths, to find the origin of the female submission and to identify the basis that created and maintains the patriarchal society. On the second volume, Lived Experience, Beauvoir presents the difference in the education of boys and girls, on which she approaches her thesis: “one is not born, but rather becomes, a woman”; thus, the difference between men and women is a conception imposed by the society, and not a biologic fact. Therefore, the goal of this text is to consider the woman’s role in the society, as well as about gender inequality, under the perspective of Simone de Beauvoir, from her works. Pursuing to confirm the author’s thesis, other studies that show the current quality of Beauvoir’s thoughts will be presented yet in this text.

**Keywords:** Simone de Beauvoir. Gender. Feminism. Patriarcalism. Otherness.

### El concepto de mujer en la sociedad de Simone de Beauvoir

**Resumen:** Considerada una de las mayores teóricas modernas del feminismo y miembro activo del movimiento existencialista francés, las obras de Simone de Beauvoir presentan una fenomenología de la condición y las experiencias de la mujer, reveladas en las interlocuciones entre el Yo y el Otro, la sexualidad y la corporalidad, frente a la desconstrucción de la identidad del sujeto femenino, creando así una filosofía feminista. Su obra principal se titula El segundo sexo, compuesta por dos volúmenes. El primero, Hechos y mitos, pretende, mediante el análisis de hechos históricos y mitos, encontrar el origen de la sumisión femenina e identificar los fundamentos que crearon y mantienen la sociedad patriarcal. En el segundo volumen, La experiencia vivida, Beauvoir presenta la diferencia presente en la educación de niños y niñas, donde aborda su tesis: «nadie nace mujer, se hace»; de este modo, la diferencia entre hombres y mujeres es un concepto impuesto por la sociedad, y no un factor biológico. El objetivo de este texto es, por tanto, reflexionar sobre el papel de la mujer en la sociedad, así como sobre la desigualdad de género, desde la perspectiva de Simone de Beauvoir, a partir de sus obras. En un esfuerzo por confirmar la tesis de la autora, este texto también presentará otros estudios que demuestran la relevancia del pensamiento de Beauvoir.

**Palabras-clave:** Simone de Beauvoir. Género. Feminismo. Patriarcado. Alteridad.

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade de Passo Fundo (PPGH-UPF). Professora da Rede Municipal de Francisco Beltrão. E-mail: [ppongan@hotmail.com](mailto:ppongan@hotmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2749-3645>.

## Introdução

Nascida em Montparnasse, França, aos 09 de janeiro de 1908, Simone de Beauvoir se tornou uma importante filósofa e escritora francesa. Oriunda de uma tradicional e decadente família burguesa, foi uma menina de aprendizagem precoce. Aos três anos de idade aprendeu a ler, e aos sete anos escreveu seu primeiro livro infantil (Appignanesi, 1988). Amava estudar e admirava livros. Graduada em filosofia pela Sorbonne, em Paris, no ano de 1927, passa a lecionar no Lycée Janson de Sully, onde conhece Lévi-Strauss, Merleau-Ponty e Jean-Paul Sartre. O último, importante filósofo existencialista, com quem Beauvoir manteve relacionamento por toda a vida.

Após longas pesquisas e estudos, Simone publica a obra *O Segundo Sexo*, em 1949, detalhando a condição da mulher na sociedade patriarcal. Composta por dois volumes, a obra busca analisar e refletir a concepção e os mitos que embasam a origem e a conservação da sociedade patriarcal ao longo da história, relegando a mulher ao segundo plano, numa posição subalterna, tornando-a “o segundo sexo”, secundária ao masculino, que seria o “primeiro sexo”.

Mas uma questão imediatamente se apresenta: como tudo isso começou? Compreende-se que a dualidade dos sexos, como toda dualidade, tenha sido traduzida por um conflito. Compreende-se que, se um dos dois conseguisse impor sua superioridade, esta deveria estabelecer-se como absoluta. Resta explicar por que o homem venceu desde o início. Parece que as mulheres deveriam ter sido vitoriosas. Ou a luta poderia nunca ter tido solução (Beauvoir, 2019, p.18)

Conforme afirma Beauvoir em sua obra, a passividade, que é uma característica marcante da mulher, se desenvolve já nos primeiros anos de vida, pois as distinções sexuais entre homens e mulheres são consequências das instruções culturais, diante das quais os sexos são criados para se conformarem. O menino será educado para apresentar coragem, sem medo e a não chorar, enquanto a menina tem sua fragilidade tratada com benevolência, vista como algo natural. A partir disto, a autora lança sua tese: “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 1967, p. 21), onde alega que a diferença entre menina e menino não é um fator biológico, mas um destino que lhe são determinados pela sociedade e pela educação que recebem.

Sua obra, até hoje, gera discussões, pois é considerada um significativo instrumento de análise e reflexão sobre o papel designado à mulher na sociedade, traçando as bases da luta feminista, além de ser referência para o estudo das relações de gênero.

Assim, o objetivo deste artigo é refletir sobre a diferença entre homens e mulheres, além da condição da mulher na organização social, a partir da tese de Beauvoir apresentada na sua obra, pois esta diferenciação entre os sexos ocasiona uma desigualdade, que provoca diversas e diferentes formas de violência contra a mulher que perduram até os dias de hoje, apresentando a atualidade do texto de Beauvoir.

### **A Submissão Feminina: origens e mitos**

Por haver poucos relatos sobre as sociedades primitivas que precederam a agricultura, fica difícil saber qual a condição na mulher neste período. Por isso, Beauvoir se utiliza das narrativas de Heródoto, para supor que elas eram corajosas, participavam das guerras e lutas, além de ter como principal função a reprodutividade. Segundo a autora (1970, p.82), a reprodução era para elas uma triste obrigação, pois os períodos de menstruação, gravidez, parto e amamentação diminuíam suas habilidades no trabalho, ocasionando certa impotência por determinados períodos.

Outra atividade designada as mulheres era a criação dos filhos, o que exigia a proteção dos homens, para garantir a segurança da família. Por conta da maternidade, a mulher ficava responsável pelos trabalhos domésticos, enquanto os homens eram os encarregados da coleta, caça, construção, invenções, lutas, o que tornava o homem um guerreiro, exercendo atividades que lhe davam poder e dignidade (Beauvoir, 1970, p.84). Enquanto a mulher não alcança nenhum orgulho diante do seu trabalho, pois “[...] engendrar, aleitar não são atividades, são funções naturais; nenhum projeto nelas se empenha. Eis por que nelas a mulher não encontra motivo para uma afirmação ativa de sua existência [...]” (Beauvoir, 1970, p. 83).

Neste sentido, Seus (2019) questiona: “Por que a mulher nunca conseguiu primeiro definir a si mesma, escapando das determinações masculinas?” (Seus, 2019, p.26). Beauvoir responde ao afirmar que diante das responsabilidades de cuidado do lar, do marido e dos filhos que lhe é designada, a mulher fica privada de questionar sua condição e, com isso, impossibilitada de lutar por liberdade e igualdade. Desta forma, podemos analisar como os fatores econômicos e biológicos resultaram na supremacia masculina, pois neste período, mesmo a vida da mulher sendo bastante difícil, essa superioridade do homem era consequência das forças hostis da natureza, já que não havia, neste período, nenhuma instituição que ocasionasse essa desigualdade entre os sexos, conforme aparece mais tarde na sociedade, com o regime patriarcal.

Com o tempo, os homens deixam de ser nômades e começam a se fixar em uma terra se tornando agricultores, num regime comunitário com propriedade coletiva. Passam a venerar os antepassados e proteger seus descendentes, para manter a tribo. Com essa visão, as mulheres

começam a receber prestígio, pois, “a mãe é evidentemente necessária ao nascimento do filho. É ela que conserva e nutre o germe em seu seio e é, pois, através dela que no mundo visível a vida do clã se propaga [...]” (Beauvoir, 1970, p.88). A maternidade passa a ser considerada uma missão sagrada, já que todas as questões da natureza e da vida humana ainda são um mistério para esses homens, sendo as mulheres as criaturas que mantêm e propagam a vida, garantindo o futuro do clã, despertando nos homens um certo respeito e temor para com as elas.

A partir desta nova visão sobre as mulheres, elas são vistas como deusas e feiticeiras, tendo como função a fecundidade. “A Natureza na sua totalidade apresenta-se a ele como uma mãe; a terra é mulher, e a mulher é habitada pelas mesmas forças obscuras que habitam a terra” (Beauvoir, 1970, p.89). Nesta perspectiva, poderíamos até pensar que houve uma supremacia feminina, mas Beauvoir (1970, p.93) afirma que esta relação entre os sexos diante da função das mulheres não era recíproca, pois não estava voltado ao humano, mas firmado em um poder místico, não estabelecendo uma autonomia feminina, e logo a mãe vista como deusa perde seu valor. “Pouco a pouco, o homem mediatizou sua experiência e, em suas representações como em sua existência prática, triunfou o princípio masculino. O Espírito superou a Vida; a transcendência, a imanência; a técnica, a magia; e a razão, a superstição” (Beauvoir, 1970, p.95).

Assim, a mulher passa a assumir responsabilidades nas atividades agrícolas das tribos, além de tecer, cuidar do rebanho e fabricar vasos e vasilhames, enquanto os homens após a descoberta dos metais, constroem ferramentas para facilitar os trabalhos na agricultura. Com a expansão das propriedades e dos domínios agrícolas, a mão-de-obra doméstica não supre mais as necessidades, surgindo então o trabalho escravo, que se apresenta mais eficiente que o trabalho desenvolvido pelas mulheres, o que resulta na substituição delas no aspecto econômico da comunidade. Neste novo modelo social, iniciado com o surgimento da propriedade privada, o homem passa a ser dono das terras, dos escravos, dos filhos e da mulher.

Pelo casamento, a mulher não é mais emprestada por um clã a outro; ela é radicalmente tirada do grupo em que nasceu e anexada ao do esposo; ele compra-a como compra uma rês ou um escravo e impõe-lhe as divindades domésticas; e os filhos que ela engendra pertencem à família do esposo. Se ela fosse herdeira, transmitiria as riquezas da família paterna à do marido: excluem-na cuidadosamente da sucessão. Mas, inversamente, pelo fato de nada possuir, a mulher não é elevada à dignidade de pessoa; ela própria faz parte do patrimônio do homem, primeiramente do pai e em seguida do marido (Beauvoir, 1970, p. 103)

A partir disso, nasce a concepção de adultério, pois enquanto não havia bens a serem herdados pelos filhos, as mulheres não tinham um dono, a castidade pré-nupcial não era relevante, os filhos eram de todo o clã, “não possuindo nem bem próprio nem descendência singular, o

cidadão não possui tampouco a mulher” (Beauvoir, 1970, p.105). Um exemplo é a sociedade do Egito antigo, onde a terra pertencia ao faraó e aos nobres, os demais homens tinham somente o direito de usufruir, assim as mulheres eram “as deusas-mães que conservaram seu prestígio em se tornando esposas [...] em virtude da ausência do patrimônio privado, a mulher conservava a dignidade de uma pessoa” (Beauvoir, 1970, p.107).

Entretanto, com a instituição da propriedade privada e da burguesia, a mulher passa a viver sob a tutela do homem, sendo primeiramente o pai e depois o marido, não por ser vista como incapaz, mas por ser igualada a um bem. “Desde o feudalismo até os nossos dias, a mulher casada é deliberadamente sacrificada à propriedade privada” (Beauvoir, 1970, p.125). Assim, quanto maior for a quantidade de bens, maior era o nível de submissão exigido da mulher.

Ao longo da história, os homens sempre foram os detentores do poder, estabelecendo assim o patriarcado, o que mantinha a mulher num estado de dependência, o que lhes era útil, a ponto de os homens construírem suas leis e códigos sem levar em consideração o feminino, excluindo-as do papel político-social, “e assim foi que ela se constituiu concretamente como o Outro” (Beauvoir, 1970, p.198). Beauvoir estabelece o conceito de Outro fundamentando-se na dialética do senhor e do escravo de Hegel, para detalhar a relação construída pelos homens com as mulheres, baseada em dominação e submissão. “A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (Beauvoir, 1970, p. 10). Afinal, a mulher não é considerada um ser independente e autônomo, não se define por si só, mas a partir do olhar masculino, que a define no que diz respeito a ele.

Ainda neste primeiro volume da obra *O Segundo Sexo*, Beauvoir apresenta alguns mitos que ao longo do tempo foram construídos em torno da mulher buscando justificar a desigualdade entre os sexos, além de fundamentar o patriarcado na sociedade. Conforme a autora afirma, é difícil detalhar um mito, pois ele se faz presente em nossas consciências, de forma discreta, sem se deixar perceber (Beauvoir, 1970).

O mito está diretamente relacionado à humanidade em toda a sua história, integrado na cultura, assumindo variados objetivos, que neste caso é defender a posição secundária do feminino na sociedade, torná-la o Outro. “Os mitos e os clichês primavam sobre a verdade: incapaz de fixá-la, deixavam-na integrar-se na insignificância” (Beauvoir, 2009, p.3). Esses mitos se perpetuam apresentando características negativas no comportamento feminino e no ser mulher, desvalorizando-a sem compromisso nenhum com verdades. “Haverá, de todo modo, neste caso, degradação do ‘para-si’ em ‘em-si’, da liberdade em facticidade, do sujeito em objeto, do sujeito autêntico em inautêntico, logo, ‘má-fê’” (Johanson, 2020, p.4). Ou seja, o anseio de vida da mulher

é a liberdade ao longo de sua existência, tanto na forma de conduzir sua vida quanto de ser o que se deseja.

O primeiro mito é o judaico-cristão a respeito da criação da mulher, Eva, a primeira mulher, não foi criada juntamente com o homem, e nem surgiu por uma finalidade em si, mas porque Adão estava se sentindo só, assim ela foi criada como objetivo de satisfação dele, para acabar com a solidão que ele sentia. “A mulher apresentava-se assim como o inessencial que nunca retorna ao essencial, como o Outro absoluto, sem reciprocidade” (Beauvoir, 1970, p.181).

Ainda, segundo este mito, Eva foi a culpada pela expulsão de Adão do paraíso, se tornando símbolo do pecado, da traição, criando uma visão negativa da mulher. A bíblia apresenta, ainda, que o castigo pelo pecado cometido é a submissão feminina em relação ao homem. “E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a dor da tua concepção; em dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará” (Bíblia Sagrada, Gênesis 3,16).

Um segundo mito, presente ainda na tradição cristã, é o da Virgem Maria, que se subordinou ao desejo do superior, aceitando sem protestar, sendo a mãe e santa que esperam, “[...] a mãe ajoelha-se diante do filho; reconhece livremente a própria inferioridade. É a suprema vitória masculina que se consuma no culto de Maria” (Beauvoir, 1970, p.215). Pois em Maria se apresenta os papéis sociais que a mulher deve exercer, restritos ao lar, de ser esposa e mãe, ou seja, a mulher ideal, sempre submissa e dócil.

E por fim, o mito dos mitos, o que propagou mais raízes na sociedade se tornando vantajoso para o patriarcalismo, é o do Eterno Feminino. Este criou a imagem da mulher como símbolo da fragilidade, da delicadeza, do materno, do amor, da beleza e do mistério, que se tornaram facilitadores da passividade e da submissão. Este mito, segundo a autora, auxiliou os homens, pois estes não precisam se preocupar em suavizar as aflições e responsabilidades presentes na fisiologia feminina, nem precisam compreender as mulheres, pois há o mistério feminino que é incompreensível, “ao invés de admitir sua ignorância, reconhece a presença de um mistério fora de si: é um alibi que lisonjeia a um tempo a preguiça e a vaidade” (Beauvoir, 1970, p.302).

Essa artimanha é satirizada por Balzac, que propõe ao homem que trate a mulher como uma escrava enquanto a convence de que é uma rainha (Balzac, 2016, p.135). Em suas obras, Balzac utiliza de seus personagens para apresentar duras críticas a burguesia da sociedade de sua época. Na obra *Physiologie du Mariage*, de 1829, ele ironiza a vida conjugal, como o exemplo citado por Beauvoir: “não vos inquieteis absolutamente com esses murmúrios, esses gritos, essas dores; a natureza fê-la para nosso uso, e para tudo aguentar: filhos, tristezas, pancadas e penas do homem” (Balzac, apud Beauvoir, 1970, p. 302).

Desta forma, esse mito do Eterno Feminino reafirma todos os privilégios do masculino e os autoriza a abusar deles sobre o feminino. E o pior é que está tão disfarçado e inserido no ideário cultural, que, caso uma mulher ouse contrariar, será acusada de estar fora dos padrões femininos, “os desmentidos da experiência nada podem contra o mito” (Beauvoir, 1970, p. 299).

Simone de Beauvoir cita mais alguns exemplos presentes na literatura:

[...] com São Paulo afirma-se a tradição judaica ferozmente antifeminista. São Paulo exige das mulheres discricção e modéstia; baseia, no Antigo e no Novo Testamento, o princípio da subordinação da mulher ao homem. "O homem não foi tirado da mulher e sim a mulher do homem; e o homem não foi criado para a mulher e sim esta para o homem." E alhures: "Assim como a Igreja é submetida a Cristo, em todas as coisas submetam-se as mulheres a seus maridos". Numa religião em que a carne é maldita, a mulher se apresenta como a mais temível tentação do demônio. Tertuliano escreve: "Mulher, és a porta do diabo. Persuadiste aquele que o diabo não ousava atacar de frente. É por tua causa que o filho de Deus teve de morrer; deverias andar sempre vestida de luto e de andrajos". E Santo Ambrósio: "Adão foi induzido ao pecado por Eva e não Eva por Adão, é justo que a mulher aceite como soberano aquele que ela conduziu ao pecado". E São João Crisóstomo: "Em meio a todos os animais selvagens não se encontra nenhum mais nocivo do que a mulher" [...] Santo Tomás será fiel a essa tradição ao declarar que a mulher é um ser "ocasional" e incompleto, uma espécie de homem falhado” (Beauvoir, 1970, p. 118)

Ainda há o mito da Pandora, a qual, segundo Pitágoras, foi responsável por difundir o mal a toda a humanidade: “há um princípio bom que criou a ordem, a luz, o homem; e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher” (Pitágoras apud Beauvoir, 1970, p. 101). Outro exemplo é o de Santo Agostinho, que afirma que “a mulher é um animal que não é nem firme nem estável” (Santo Agostinho apud Beauvoir, 1970, p. 101). Assim, seja pela cultura popular ou pela religião, mitos são transmitidos entre as gerações e propagam uma imagem negativa do feminino, apresentando a mulher como o secundário na organização social. Desta forma, os mitos estruturam o modelo patriarcal, embasando a submissão da mulher e a desigualdade entre os sexos, mantendo esta relação de poder.

### **“Não se nasce mulher, torna-se mulher”: a mulher e a educação**

No segundo volume da sua obra *O Segundo Sexo*, intitulado *A Experiência Vivida*, Simone de Beauvoir inicia apresentando a frase que marca sua tese: “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 1967, p.09). Neste texto, ela afirma que as diferenças entre os sexos são criações culturais, às quais meninos e meninas são submetidos. As crianças, tanto do sexo masculino quanto do feminino, apresentam, nas primeiras fases de suas vidas, interesses, satisfações, frustrações e prazeres similares. Ambos veem o mundo, a mãe e o pai da mesma

maneira, assim como contestam e brincam da mesma forma. “Até os doze anos a menina é tão robusta quanto os irmãos e manifesta as mesmas capacidades intelectuais; não há terreno em que lhe seja proibido rivalizar com eles” (Beauvoir, 1967, p.10).

Porém, à medida que vão crescendo, os pais deixam de pegá-las no colo, não os permitem mais dormir na mesma cama, ignoram algumas de suas brincadeiras, o que Beauvoir chama de primeira desmama, quando se exige uma simples e pequena independência por parte da criança, perante a qual “as meninas vão parecer, a princípio, privilegiadas” (Beauvoir, 1967, p.12). Já a segunda desmama é quando se diminuem os carinhos voltados aos meninos, enquanto para as meninas ainda é permitido que permaneçam “grudada às saias da mãe, no colo do pai que lhe faz festas [...] são indulgentes com suas lágrimas e caprichos, penteiam-na com cuidado, divertem-se com seus trejeitos e seus coquetismos” (Beauvoir, 1967, p.12).

Isso reafirma a tese da autora que argumenta a benevolência diante da fragilidade feminina, que é vista como algo natural. É esperado da menina a graciosidade, a passividade, a calma, a delicadeza e a bondade, enquanto dos meninos exige-se a coragem, a independência, a brutalidade e a razão acima da emoção, estimulando nele o orgulho de sua virilidade, afirmando que o fato de serem “menos favorecido do que as irmãs, é que lhes reservam maiores desígnios” (Beauvoir, 1967, p.13). Na menina é inculcado que sua sorte e sua felicidade se resumem em ser amada, conforme se apresentam as canções, as lendas, e principalmente a literatura infantil dos contos de fadas, como a Cinderela, Branca de Neve, entre outras, que esperam ansiosas por seu príncipe encantado, para que alcancem a felicidade. Juntamente com esse pensamento, vem a obsessão com a aparência física, pois para ser amada e feliz é necessário ser linda.

Durante a adolescência, incentiva-se o rapaz a se tornar homem, dando-lhe toda a liberdade e autonomia, enquanto à moça, determina-se que fique em casa, não saia sozinha, ou seja, “além de uma falta de iniciativa que provém de sua educação, os costumes tornam-lhe a independência difícil” (Beauvoir, 1967, p.72). As moças não recebem os mesmos incentivos e oportunidades de seus irmãos homens, em relação ao intelectual e artístico, pois na maioria das vezes, lhe é exigido muito tempo em afazeres domésticos, além de trabalhar fora. Em contrapartida, seu irmão não assume deveres em casa, tendo todo o tempo voltado para estudos e afazeres que lhe realizem. O maior problema, segundo a autora, é que essas diferenças são criadas por quem se esperava que combatesse, a própria mãe.

Uma das maldições que pesam sobre a mulher — Michelet assinalou-a justamente — está em que, em sua infância, ela é abandonada às mãos das mulheres. O menino também é, a princípio, educado pela mãe; mas ela respeita a virilidade dele e ele lhe escapa desde logo; ao passo que ela almeja integrar a filha no mundo feminino (Beauvoir, 1967, p.23)

No desejo que sua filha seja aceita na sociedade, a mãe se esforça para torná-la uma “mulher de verdade”, ensinando-a a costurar, cuidar da casa, cozinhar, vestir-se, se comportar como mulher, lhe dará livros adequados e lhe ensinará a brincar de boneca, desenvolvendo sua “vocação” histórica e culturalmente imposta. Desta forma, a menina passa toda a sua infância e adolescência sendo reprimida, pois não foi educada para ser independente e autossuficiente. Toda a sua vida será influenciada pela insegurança e timidez, pois quanto menos ela usar sua liberdade, menos ela se ousará a se afirmar quanto sujeito social (Beauvoir, 1967).

Na sua fase adulta, tem como destino o casamento ou o convento. No casamento, a mulher dedica toda sua vida ao marido, entregando-lhe o corpo e a alma, mesmo não havendo reciprocidade, pois o matrimônio é visto de forma diferente por homens e mulheres, não havendo igualdade entre ambos, e, mesmo que este se modificou ao longo do tempo, suas bases perduram até hoje. Enquanto “socialmente, o homem é um indivíduo autônomo e completo; ele é encarado antes de tudo como produtor e sua existência justifica-se pelo trabalho que fornece à coletividade” (Beauvoir, 1967, p.166), a mulher assume a função de dona de casa e reprodutora. O homem é cidadão acima de tudo, a mulher é somente esposa, na maioria das vezes. O marido é o responsável econômico do lar, decidindo onde trabalhar e onde morar, e à mulher cabe segui-lo. “Ela toma-lhe o nome, associa-se a seu culto, integra-se em sua classe, em seu meio [...] mais ou menos brutalmente ela rompe com o passado, é anexada ao universo do esposo” (Beauvoir, 1967, p.169).

A cultura e as leis restringem a liberdade de escolha feminina, enquanto legitimam o poder e a autoridade masculina. Tanto, que em casos em que a mulher cria certa independência e emancipação, ou rejeita o casamento, a sociedade a vê como incompleta. Em relação a maternidade, esta só é vista com bons olhos quando está ligada ao casamento, mãe solteira é escândalo, além dos problemas de se criar um filho sozinha, “por falta de creches, de parques infantis convenientemente organizados, basta um filho para paralisar inteiramente a atividade da mulher; ela só pode continuar a trabalhar abandonando a criança aos pais, a amigos ou a criados” (Beauvoir, 1967, p.466), além de que o filho sofrerá com a marca de ser o “filho da mãe solteira”.

Quanto ao trabalho doméstico, este reduz a autonomia da mulher, pois ser dona de casa não é útil para a sociedade nem grandioso como o trabalho exercido fora pelo homem, além de exigir repetição excessiva, pois as coisas se sujaram outra vez. “O marido ao voltar para casa observa a desordem e a negligência, mas parece-lhe que a ordem e a limpeza são naturais” (Beauvoir, 1967, p.208).

Nesse sentido, os dados do IBGE, no ano de 2014, apresentaram um relatório afirmando que a jornada diária de trabalho feminino é maior que o masculino, pois “a responsabilidade pelas

atividades domésticas e de cuidados continua sendo uma atribuição quase exclusivamente feminina e recebem salários menores em quase todas as áreas de atuação” (IBGE, 2014). Entretanto, esses afazeres domésticos não são visualizados pela sociedade como trabalhos, e sim como funções exclusivas das mulheres em suas horas “livres”, dedicadas aos cuidados da casa e família.

Na maioria das vezes, o homem vê a mulher como um ser inferior, “por possuir em todo caso um prestígio viril, por ser por lei o ‘chefe da família’, o marido detém uma superioridade moral e social” (Beauvoir, 1967, p.220), isso porque o homem teve maiores oportunidades de acesso ao estudo e à cultura, afinal ele está inserido na política e desenvolve seu senso crítico frequentemente. Este último, muitas vezes faz falta para a mulher, pois sua vida cotidiana não lhe exige o uso, deixando de apresentar suas opiniões e raciocínios, e “é por esse lado que um marido — mesmo mais medíocre — as dominará facilmente: saberá provar que tem razão ainda que não tendo. Nas mãos de um homem, a lógica é muitas vezes violência” (Beauvoir, 1967, p.221).

Há mulheres que conseguem alcançar seus objetivos profissionais; entretanto, a maioria destas, além do trabalho fora, ainda cuidam dos afazeres domésticos, que permanecem sob suas responsabilidades, sofrendo um esgotamento, que piora com a maternidade, pois manter em ordem o trabalho, a casa e ainda criar um filho não é nada fácil, fazendo com que muitas mulheres desistam de suas carreiras e acabem ficando apenas como esposas e mães.

A tese de Beauvoir incentivou outras pesquisadoras, que, em 1999, buscaram demonstrar a atualidade dos estudos da filósofa francesa. Na comemoração do 50º aniversário da obra “O Segundo Sexo” Silvia Lucia Ferreira e Vera Lucia Costa Souza, realizaram um estudo na maternidade pública localizada em Feira de Santana, Bahia, intitulado *Aborto e Violência Sexual: Um Diálogo com Simone de Beauvoir*. Para este trabalho, elas reuniram depoimentos de abuso e violência sexual extraídos de 35 mulheres internadas na respectiva maternidade, sendo todas em união estável ou casadas, que relataram as formas de violência sofridas e as experiências vivenciadas com o aborto. Esta pesquisa deixa claro que após 50 anos da publicação de Beauvoir, seu discurso ainda é válido. Nela, as autoras afirmam que a violência na vida conjugal é consequência de uma relação hierárquica, onde o homem é o ser dominante, que se utiliza de sua autoridade e poder para dominar e agredir a esposa, às mulheres “são atribuídas a submissão, a obediência, a dependência e a aceitação da autoridade do homem que tem o direito de controlá-las as expressões, a mobilidade, a sexualidade e as aspirações” (Motta; Sardenberg; Gomes, 2000, p.130). Beauvoir afirma que:

O casamento incita o homem a um imperialismo caprichoso: a tentação de dominar é a mais universal, a mais irresistível que existe [...] muitas vezes não

basta ao esposo ser aprovado, admirado, aconselhar, guiar: ele ordena, representa o papel de soberano (Beauvoir, 1967, p.223).

Pois, como Beauvoir argumenta ao longo de sua obra, o casamento não tem o mesmo significado para a mulher e para o homem; sendo assim, a falta de reciprocidade fica nítida na maioria das relações conjugais, ocasionando infelicidade e frustração. Isso porque, enquanto a mulher se entrega totalmente ao marido, ele não atende às atenções que ela espera, deixando outros interesses acima da esposa e do relacionamento.

Esta questão também aparece nos relatos das mulheres entrevistadas na maternidade pública baiana, revelando que seus maridos apresentam gentileza e simpatia quando estão em sociedade: [...] com as pessoas na rua, é uma pessoa alegre, conversador, calmo, mas em casa é grosseiro. Todos os dias sai de casa cinco horas da tarde e só volta meia noite. Não dá satisfação e não quer que eu reclame (Motta; Sardenberg; Gomes, 2000, p.130). Relatam ainda, que frequentemente seus companheiros as menosprezam e as tratam com indiferença, não as permitem estabelecer vínculos de amizade e nem saírem de casa sozinhas para terem uma vida social. Algumas das mulheres, ainda descrevem situações em que o marido interfere no que vão vestir, estabelecem ordens como se elas fossem empregadas da casa e quando elas apresentam alguma resistência, eles as ameaçam. Também foi numeroso o número de ocorrências de agressões físicas:

Logo no início quando a gente ficou junto era bom, depois que eu engravidei e tive meu filho ele mudou. Quando eu reclamo ele ameaça me bater, me largar. Me humilha, diz que está com amante, porque eu não presto para nada. Outras vezes, diz que eu é que fico imaginando coisa, que sou maluca. Quando fica irritado me empurra e dá tapas sempre que reclamo (Motta; Sardenberg; Gomes, 2000, p.133)

Em todos os casos, os depoimentos retratam uma mesma característica dos maridos: socialmente, apresentam-se com simpatia, generosos e bondosos, enquanto, em casa, são agressivos, autoritários e indiferentes às suas esposas. Assim, as autoras concluíram que “os depoimentos coletados sugerem que passadas cinco décadas desde O Segundo Sexo, o que Simone de Beauvoir escreveu sobre essas atitudes masculinas ainda retrata o cotidiano das mulheres com quem conversamos” (Motta; Sardenberg; Gomes, 2000, p.131).

Ainda, as autoras relatam que o que se denomina atualmente “como ‘violência emocional’ é uma forma de violência que, embora não seja reconhecida pelas mulheres entrevistadas como tal, faz parte do seu cotidiano com os companheiros” (Motta; Sardenberg; Gomes, 2000, p.133). Deste modo, as mulheres não percebem que estão sofrendo violência, pois entendem estes comportamentos como natural dos homens, ou seja, “naturalizam” a violência que sofrem, considerando-as comuns no casamento. Por isso, a maioria sofre em silêncio, sem pedir ajuda, ou

por terem medo de serem agredidas de novo ou por serem dependentes economicamente ou emocionalmente de seus agressores.

Julio Jacobo Waiselfisz (2015) afirma a partir de seus estudos sobre a violência contra a mulher no Brasil, que o medo das mulheres em denunciar seus agressores é compreensível:

Utilizando os dados do Sinan (que registra compulsoriamente casos de agressão contra mulheres de quaisquer idades, atendidas pelo SUS), foi estabelecida a proporção de mulheres agredidas por um familiar direto e projetada essa proporção sobre o total de homicídios femininos acontecidos em 2013. Por esse procedimento, teríamos que, do total de 4.762 vítimas femininas registrado em 2013 pelo SIM, 2.394, isso é, 50,3% do total de homicídios de mulheres, nesse ano, foram perpetrados por um familiar direto da vítima (7 por dia). Destacando, dentre os familiares, os parceiros e ex-parceiros, temos que 1.583 dessas mulheres foram mortas por eles, o que representa 33,2% do total de homicídios femininos de 2013 (Waiselfisz, 2015, p.73).

Afirma ainda que, mesmo com a criação das Delegacias de Proteção à Mulher, com a Lei Maria da Penha nº11.340/2006, entre outros meios que buscam diminuir a violência contra a mulher, os registros ainda são numerosos e frequentes.

Ainda no século XX, uma antropóloga norte-americana, Margaret Mead, propôs um estudo buscando validar e mostrar a atualidade da tese de Beauvoir: “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (1967, p.09). Em sua obra *Sexo e Temperamento*, Margaret afirma que as características femininas e masculinas são consequências das influências sociais e culturais, e não resultados de fatores biológicos. A autora ainda apresenta uma pesquisa de campo, realizada juntamente com o Dr. Fortune, na Nova Guiné, entre os anos de 1931 a 1933, com três tribos primitivas com culturas diferentes: os Arapesh, os Tchambuli e os Mundugumor.

Na tribo Arapesh, não havia hierarquia entre os sexos, apesar de eles exercerem atividades diferentes. Também não apresentavam uma organização política, nem leis e regras sociais. Tinham como maior preocupação garantir o bem-estar e atender todas as necessidades básicas de seus membros (Mead, 2003). Os pais compartilhavam a criação dos filhos, educando-os a partir do carinho e afeto, seguindo um comportamento pacífico e bondoso. Quando algum membro apresentava um temperamento violento e agressivo, independentemente de seu sexo, este passava a ser visto como inconveniente, sendo rejeitado pelos demais. Comportamento que contraria a nossa sociedade, pois como Beauvoir já afirmava, o homem que se apresenta de forma pacífica, bondosa e suave é condenado por não honrar sua virilidade, e a mulher que assume um temperamento violento e agressivo é censurada e desaprovada socialmente (Beauvoir, 1967).

Após passar um período com o Arapesh, Margaret transitou para um povo completamente oposto, passando a conviver com os Mundugumor, uma tribo de canibais caçadores, sobre os quais os membros da tribo Arapesh a alertaram: “Vocês vão subir o Rio Sepik onde os indivíduos, são

ferozes e comem gente [...] não se iludam com o que viram aqui, somos de um tipo, eles de outro” (Mead, 2003, p.170). Isso porque o comportamento de ambos os sexos era altamente violento, entre os próprios membros e em relação as outras tribos. As disputas raramente se davam por motivos políticos ou econômicos, mas na maior parte das vezes devido a mulheres, já que nessa cultura, o mais rico e poderoso era o homem que tinha mais mulheres para si. Assim, os Mundugumor brigavam entre irmãos, bem como entre pais e filhos, sempre desconfiados e insatisfeitos, buscando sempre aumentar seu poder (Mead, 2003). Nessa lógica, filhos não eram bem-vindos, e quando vinham, era educados de forma dura e hostil, sendo preparados para ter como inimigos os outros membros de seu próprio sexo, assim eram estimulados e treinados para a violência extrema.

“O caráter Mundugumor ideal é idêntico para ambos os sexos; espera-se que homens e mulheres sejam violentos, competitivos, agressivamente sexuados, ciumentos e prontos a ver e vingar insultos, deliciando-se na ostentação, na ação e na luta” (Mead, 2003, p.219). Para eles, o homem que apresentar uma docilidade é rejeitado pela tribo, assim como a mulher que se revela “dócil, receptiva, cálida e maternal” (Mead, 2003, p.226).

Já a terceira tribo, os Tchambuli, apresentavam uma distinção entre feminino e masculino muito evidente. Enquanto as mulheres eram as detentoras do poder econômico, garantindo a alimentação e o essencial para a sobrevivência do grupo, os homens exerciam as atividades artísticas e cerimoniais, tendo habilidades em uma ou mais atividades, como escultura, dança, trançado, pintura, entre outras. “A atitude das mulheres em relação aos homens é de carinhosa tolerância e estima. Divertem-se com os jogos que os homens realizam, particularmente com as representações que encenam em seu benefício” (Mead, 2003, p.247).

Após a convivência com os três grupos, participando do cotidiano de cada um, a pesquisadora afirma que ambas lhe proporcionaram “rico material sobre até onde pode uma cultura impor a um ou a ambos os sexos, um padrão que é adequado a apenas um segmento da raça humana” (Mead, 2003, p.11), concluindo que cada sociedade visa padronizar os comportamentos dos seus integrantes, concebendo modos de agir e pensar, através de crenças, valores e ideais, que são transmitidos entre as gerações através da educação familiar.

Para ser um indivíduo completo, igual ao homem, é preciso que a mulher tenha acesso ao mundo masculino assim como o homem tem acesso ao mundo feminino, que tenha acesso ao outro; somente as exigências do outro não são em ambos os casos simétricas (Beauvoir, 2019, p.508).

Essa perspectiva é a mesma estabelecida por Beauvoir, quando afirma que o papel desenvolvido pela mulher e pelo homem na sociedade não é destinado pelo aspecto econômico ou

biológico, mas sim construído histórica e culturalmente, assim como os comportamentos estabelecidos variam de acordo com o padrão social exigido pela sociedade na qual estão integrados.

## **Conclusão**

A tese de Simone de Beauvoir, abordada em sua obra, mais especificamente no início do segundo volume *O Segundo Sexo*, estabelece a base do movimento feminista, apresentando a realidade da desigualdade entre os sexos, o papel designado a mulher na sociedade, e principalmente, as afirmações diante das diferenças entre o feminino e masculino. Sendo consequências de uma construção social, e não de aspectos fisiológicos e biológicos, criando uma reflexão crítica diante da existência de uma “essência feminina” com a qual as mulheres já nascem, lhe atribuindo o papel secundário na sociedade simplesmente pelo fato de terem nascido do sexo feminino, que já lhe atribui as etapas da vida: “A menina será esposa, mãe, avó; tratará da casa, exatamente como fez sua mãe, cuidará dos filhos como foi cuidada: tem 12 anos e sua história já está escrita no céu” (Beauvoir, 2019, p.45).

Ao longo da história, a mulher é evitada nas narrativas, sendo vista apenas como cuidadora do lar e da família, tendo um destaque mítico por ser geradora de vida, mas que não lhe fornece reconhecimento ou valorização quanto ser social com autonomia e liberdade. Já, com a sua inserção do mercado de trabalho, bem como estabelecer escolhas profissionais e pessoais, encontra muitos obstáculos para ser reconhecida e ouvida. O que permitiu uma perpetuação do discurso errôneo do ser mulher como uma extensão do homem, do qual tem dependência, sendo ele o principal sexo, e a mulher em papel de submissão, como apenas o outro sexo. Esse discurso transpassa gerações, sendo reproduzidos até por mulheres, que se compreendem nessa posição de secundariedade.

A inferioridade da mulher foi justificada por diferentes narrativas no decorrer do tempo. Conforme apresentado pela autora, “apelaram não somente para a religião, a filosofia e a teologia, como no passado, mas ainda para a ciência: biologia, psicologia experimental etc” (Beauvoir, 2019, p.20). Nesse sentido, essa obra vem questionar estas, demonstrando que todas essas narrativas não possuem embasamento e argumentos suficientes para comprovar tal argumento de inferioridade e subjugação do feminino em relação ao masculino.

Com as outras pesquisas realizadas, como a de Silvia Lucia Ferreira e Vera Lucia Costa Souza, realizada na maternidade baiana, e o estudo de Margaret Mead, com as três tribos de culturas distintas, percebemos que as afirmações de Beauvoir ainda são atuais, pois as

consequências dessa construção social patriarcal fazem parte do cotidiano da maioria das mulheres ainda nos dias de hoje, mesmo que mudanças tenham ocorrido ao longo do tempo.

Além disso, as relações entre homens e mulheres são desiguais ao longo de toda a história, e a situação feminina ainda é de desvantagens; um exemplo é na política, onde ainda permanece um ambiente bastante masculino, e na questão econômica, os homens recebem salários maiores, possuem as melhores vagas de emprego e detêm as melhores oportunidades.

Nesta perspectiva, apesar de todas as conquistas já alcançadas ao longo da história, as mulheres ainda têm muita luta pela frente. A obra de Beauvoir não tem objetivo sanar esses dilemas, mas apresentar essa trajetória que construiu o ser feminino, sendo idealizações e discursos que ainda impedem a mulher de ter liberdade e autonomia para ser mulher, e de ser vista como ser semelhante ao homem.

A sociedade valoriza o masculino, vendo-o como de suma importância para a vida social, o que se reflete na educação das crianças, reafirmados pela literatura e pelos mitos que estão enraizados na cultura. Assim, é importantíssimo que busquemos uma mudança neste paradigma social, quebrando o mito da fragilidade feminina e da submissão da mesma, conscientizando e educando que estas diferenças entre os sexos são construídas histórica e culturalmente, mas que, a partir dos pensamentos de Beauvoir e de outras tantas mulheres que lutam pelas mulheres, podemos construir uma igualdade entre os sexos, tanto no aspecto econômico, social, político, quanto no cultural e educacional.

### **Referências Bibliográficas:**

APPIGNANESI, Lisa. **Simone de Beauvoir: uma biografia**. Rio de Janeiro: LTC; Casa-Maria Editorial, 1988.

BALZAC, Honoré de. **Physiologie du Mariage**. São Paulo: Bibebook, 2016.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo I: Fatos e Mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo II: A Experiência Vivida**. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BEAUVOIR, Simone de. **Memórias de uma moça bem-comportada**. Tradução: Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. **Por uma moral da ambiguidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

**BÍBLIA SAGRADA**. Tradução de Centro Bíblico Católico. 34. ed. rev. São Paulo: Ave Maria, 1982.

IBGE. **Estatísticas de Gênero**: Uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2014. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=288941>. Acesso em: 27 abr. 2018.

JOHANSON, Izilda Cristina. De objeto a sujeito: uma contribuição feminista à história e à filosofia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 45-56, dez. 2020.

JOHANSON, Izilda Cristina. Moral da ambiguidade, liberdade e libertação: filosofia e feminismo em Simone de Beauvoir. **Ethic@-An International Journal for Moral Philosophy**, Luxembourg, v. 17, n. 2, p. 239-257, jun. 2018.

KIRKPATRICK, Kate. **Simone de Beauvoir**: uma vida. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; e GOMES, Márcia (org.). **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas**. Salvador: NEIM/UFBA, 2000.

SCHWARZER, Alice. **Simone de Beauvoir hoje**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

SEUS, Beatrís da Silva. **Simone de Beauvoir e a libertação da mulher**: do existencialismo sartriano à moral da ambiguidade. Porto Alegre: Fi, 2019.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015**: Homicídio de mulheres no Brasil. Brasília/DF, 2015. Disponível em: [http://www.spm.gov.br/assuntos/violencia/pesquisasepublicacoes/mapaviolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](http://www.spm.gov.br/assuntos/violencia/pesquisasepublicacoes/mapaviolencia_2015_mulheres.pdf). Acesso em: 25 abr. 2018.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

Recebido em 07/01/2025. Aprovado em 25/04/2025